

UM OLHAR GEOGRÁFICO EM CORUMBAÍBA (GO): A TERRITORIALIZAÇÃO DO CAPITAL AGROINDUSTRIAL LÁCTEO, AS MUDANÇAS ESPACIAIS E OS NOVOS SUJEITOS DA RELAÇÃO CAPITAL/TRABALHO

Janãine Daniela Pimentel Lino Carneiro
Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão
janaine_nana@hotmail.com

RESUMO

O contexto atual é marcado pelos novos conteúdos da relação capital/trabalho, que resultam em diferentes territorialidades e constantemente (re)constróem o espaço geográfico. Identifica-se uma nova fase de expansão e acumulação capitalista, marcada pela mobilidade geográfica do capital e do trabalho. O Cerrado brasileiro é ocupado pelo capital agroindustrial de maneira intensa, a partir dos anos 1970, principalmente, com a modernização conservadora da agricultura. A partir dos anos 1990, com a reestruturação produtiva do capital, a agroindústria leiteira também se desloca para o Centro-Oeste brasileiro. Nesse período, o setor lácteo passa por reformulações, no qual a chamada fase de regulação estatal é substituída pela autorregulação do setor, em que prevalecem os imperativos do capital transnacional. Com base nesta nova dinâmica, o capital agroindustrial lácteo se territorializa em Corumbáiba (GO), representado pelo laticínio Italac Alimentos, e promove uma série de mudanças espaciais, nas relações de trabalho e na relação cidade-campo. Neste artigo serão apresentados alguns aspectos da territorialização da agroindústria leiteira no Município e seus efeitos nas mudanças espaciais e na relação campo-cidade, assim como seus efeitos no campo e para as diferentes categorias de produtores. A metodologia utilizada na pesquisa constituiu-se de três etapas: pesquisa teórica, pesquisa documental e pesquisa de campo, articuladas entre si pelo referencial teórico que as norteiam.

Palavras-chave: Capital agroindustrial lácteo. Territorialização. Mudanças espaciais. Relação campo/cidade.

Introdução

O processo de expansão geográfica do capital iniciou-se na chamada acumulação primitiva e se realiza até os dias atuais promovendo uma série de mudanças nas áreas incorporadas por sua dinâmica territorial, ou seja, promovendo alterações no espaço geográfico, pautadas na relação capital x trabalho. O Cerrado brasileiro é ocupado pelo capital agroindustrial de maneira intensa, a partir dos anos 1970, sobretudo, com a modernização da agricultura. A partir dos anos 1990, com a reestruturação produtiva do capital, a agroindústria leiteira também se desloca para o Centro-Oeste brasileiro. Dentre as empresas, surge a Italac Alimentos, uma agroindústria laticinista, que se instala em Corumbáiba (GO), no final da década de 1990.

Com a territorialização do Laticínio, a dinâmica socioespacial do Município sofre mudanças, uma vez que, a empresa dinamiza a economia local, atuando como principal empregadora formal e compradora do leite *in natura* produzido em Corumbáiba (GO) e região. Nota-se a presença marcante do capital agroindustrial e financeiro, promovendo alterações espaciais nas relações campo-cidade, pois a empresa atua também no campo, por meio das unidades produtoras/fornecedoras de leite. Ao mesmo tempo, a empresa promove a exploração da força de trabalho na cidade e a sujeição da renda da terra no campo.

As reflexões ora apresentadas vinculam-se à dissertação de mestrado, também intitulada “Um olhar geográfico em Corumbáiba (GO): a territorialização do capital agroindustrial lácteo, as mudanças espaciais e os novos sujeitos da relação capital/trabalho”, defendida em maio de 2013, no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão (PPGGC/UFG/RC). Resultam também dos estudos realizados no Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM/UFG/CNPq). De um modo geral, a pesquisa apresentou os aspectos que contribuíram para a instalação da empresa em Corumbáiba sendo: a dinâmica

socioespacial do Sudeste Goiano; a mobilidade geográfica do capital e do trabalho; as políticas estatais de desenvolvimento local; a infraestrutura, mão de obra e matéria prima, disponíveis; e a posição geográfica do Município. Apresentou também, os rearranjos espaciais a partir da Italac Alimentos, como: o crescimento populacional; os efeitos espaciais na cidade; o crescimento do espaço urbano; os novos conteúdos da relação campo-cidade. E ainda, a reestruturação do setor lácteo e os efeitos na produção leiteira, sobretudo, em Corumbaíba, onde o capital agroindustrial promove a sujeição da renda da terra em diferentes níveis de subordinação, nas empresas rurais, na pecuária tradicional e nas unidades camponesas, gerando um contexto marcado por diferentes territorialidades em disputa.

Didaticamente, o artigo está dividido em duas sessões principais além da Introdução e das Considerações, sendo: a primeira, *Corumbaíba (GO): um olhar geográfico*; a segunda, *Os rearranjos espaciais em Corumbaíba (GO) a partir da Italac Alimentos*. Na primeira, será apresentada a abordagem teórico-metodológica utilizada no entendimento da realidade socioespacial no Município e na segunda as mudanças espaciais oriundas da territorialização do capital agroindustrial, com destaque para o crescimento populacional, para a relação campo-cidade e para o capital agroindustrial no campo.

1 Corumbaíba (GO): um olhar geográfico

A realidade é configurada pelas transformações espaciais e temporais, estando em constante (re)construção. Esse movimento do real é contraditório, desigual e combinado, colocando-se para a Geografia e para os geógrafos como um importante desafio a ser superado. Nesse prisma, a realidade socioespacial de Corumbaíba é oriunda de transformações socioespaciais que vem ocorrendo nos últimos vinte anos, com a territorialização do capital agroindustrial lácteo. Portanto, espaço, território, lugar e paisagem são as categorias geográficas que permitem desvelar, ao menos em partes, as tramas espaciais da relação capital x trabalho no Município.

A abordagem do lugar da pesquisa busca a compreensão dos seus elementos que se hibridizam e constituem o espaço geográfico. Esses elementos existentes, de ordem material e imaterial, se entrecruzam e compõem a realidade, num processo constante de (re)construção histórica. Esta deve ser entendida também a partir da relação entre o local e global, ou seja, levando-se em consideração os elementos internos e os externos que se “misturam” na constituição do lugar. Santos (1999) entende que:

A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo. O conteúdo geográfico do cotidiano também se inclui entre conceitos constitutivos e operacionais, próprios à realidade do espaço geográfico, junto à questão de uma ordem mundial e de uma ordem local (SANTOS, 1999, p. 19).

A realidade espacial em Corumbaíba (GO) pode ser compreendida a partir desta inter-relação entre os elementos particulares e os universais, formando a totalidade do espaço geográfico. Esta deve ser vista como a junção de várias partes e sujeitos, entendidos a partir do movimento do real e da totalidade que configuram a realidade. “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente.” (SANTOS, 2012, p. 98). As múltiplas dimensões do espaço são construídas por meio das diversas relações sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais.

Nesse sentido, Fernandes (2009) afirma que o território é um todo, mas deve ser entendido como parte da realidade, a partir de sua multidimensionalidade, pois assim como o espaço, deve ser compreendido por meio das relações sociais, ou melhor, da relação classe-território, que produzem diferentes territórios, constantes conflitualidades e distintas territorialidades, a partir de intencionalidades divergentes.

Para Raffestin (1993) espaço e território não são sinônimos. Entende-se que a territorialização da Italc Alimentos em Corumbá (GO), se refere a um espaço “[...] construído pelo ator, que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema sêmico. [...]. É, [...] o espaço que se tornou território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação.” (RAFFESTIN, 1993, p. 147). A territorialidade é dinâmica e deve ser entendida como um conjunto de relações mantidas com o território, a partir da relação entre sociedade, tempo e espaço. Deve ser concebida sempre como uma relação, já que: “A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais, ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a “face vivida” da “face agida” do poder [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 161-162).

Nesse sentido, a territorialização da agroindústria laticinista, Italc Alimentos, em Corumbá (GO) é conduzida pela lógica da (re)produção do capital, ou melhor, pelo interesse de produzir mercadorias e obter lucro por meio da apropriação do trabalho e da natureza, ora transformada em recursos, e pela sujeição da renda da terra, garantindo a acumulação capitalista e promovendo mudanças nas relações sociais. Este processo é visualizado a partir da sua relação com o trabalho, uma vez que se constituem, no capitalismo, pares dialéticos.

Por outro lado, têm-se os territórios pré-existentes, tais como no Cerrado goiano, que também influenciam e são influenciados pelas investidas do capital, alterando a relação capital x trabalho. O capital – aqui com ênfase no capital agroindustrial lácteo – se territorializa seguindo uma tendência inerente ao seu modo de produção, ou seja, “lançando suas garras” pelos mais diferentes espaços geográficos, transformando as relações pré-existentes, que (Re) Existem, pois são (re)significadas. Esta expansão faz parte da sua natureza intrínseca, incontrolável e expansionista (MESZÁROS, 2002), ocorrendo desde a sua constituição enquanto modo de produção, nas quais todos os impedimentos são removidos e/ou adaptados/subordinados.

A acumulação do capital sempre foi uma questão profundamente geográfica e “[...] sem as possibilidades inerentes à expansão geográfica, à reorganização espacial e ao desenvolvimento geográfico desigual, o capitalismo há muito teria cessado de funcionar.” (HARVEY, 2005, p. 40). Todavia, o mundo não é homogêneo, pelo contrário, possui múltiplas variações, justificando a expansão desigual e combinada do capital com suas especificidades, que tornam o processo complexo e contraditório.

Além desse aspecto, Smith (1988) salienta que o desenvolvimento desigual é a expressão geográfica das contradições do capital, já que:

[...] A missão histórica do capital é o desenvolvimento das forças de produção por via da qual a igualização geográfica das condições e dos níveis de produção torna-se possível. A produção da natureza é a condição básica para esta igualização, mas a igualização é continuamente frustrada pela diferenciação do espaço geográfico. A diferenciação como o meio para um fixo espacial torna-se ela própria um problema a ser resolvido. [...] Na medida em que o desenvolvimento desigual se torna crescente necessidade para se evitar as crises, a diferenciação geográfica se torna cada vez menos um subproduto e mais uma necessidade central para o capital (SMITH, 1988, p. 217).

Para analisar a expansão do capital agroindustrial lácteo, em Corumbá - um município nas áreas de Cerrado - após os anos 1990, é preciso considerar as suas especificidades, lembrando-se que as diversas estratégias utilizadas para sua territorialização fazem parte de um contexto mais amplo e da própria natureza do capital e da relação capital x trabalho, entretanto, se interagem com os elementos pré-existentes, que são específicos do lugar. Estas territorialidades pré-existentes são (re)significadas, ou no dizer de Pelá; Mendonça (2010), (Re) Existem. O Cerrado goiano, para Pelá; Mendonça (2010) encontra-se numa encruzilhada de tempos, e é um mosaico de territórios em disputa, onde estão as estratégias diversas dos setores hegemônicos do capital, e as (Re)Existências.

Para Chaveiro; Calaça (2012), existe a necessidade e o esforço em desenvolver uma abordagem totalizante do Cerrado, que reconheça os diferentes conflitos de sua inserção na economia mundial, da reorganização das classes sociais, das regiões e dos lugares, que recorra às diversas perspectivas, no campo político, econômico, social e cultural, e ainda, trate as distintas

formas de apropriação e territorialização do capital. Para estes autores, deve-se reconhecer como escalas de poder – por meio de seus elementos estratégicos – são territorializados no Cerrado. Assim, “[...] esses agentes, atores e sujeitos por não serem iguais, nem terem intencionalidades e estratégias semelhantes agem no espaço estabelecendo conflitos e pacto” (CHAVEIRO; CALAÇA, 2012, p. 04).

Os fatores elencados por Chaveiro; Calaça (2012) demonstram a complexidade das tramas territoriais que configuram as áreas de Cerrado. Tais elementos fazem parte da paisagem goiana, que conforme Barreira (2002) é a forma mais visível da prática social que cria territórios e altera substancialmente os arranjos espaciais e territoriais preexistentes. A categoria paisagem assume destacada importância, pois se apresenta, à primeira vista, como o momento atual, embora esteja carregada de histórias cristalizadas noutros momentos, evidenciando as rugosidades, assim como os usos redefinidos ou incorporados em novos contextos. Mendonça (2004) complementa que: “A paisagem é cumulativa de tempos, mas, sobretudo, malha territorial visível e não visível, [...] construída historicamente pelos agentes produtivos, fundados na relação capital x trabalho, composta de formas [...] que lhe conferem certa estabilidade temporal e pela forma parcialmente invisível da estrutura social” (MENDONÇA, 2004, p. 46).

Numa pesquisa geográfica com o objetivo de compreender as mudanças espaciais e o processo de territorialização do capital, a observação científica da paisagem permite de início, a apreensão dos elementos visíveis, e posteriormente, dos elementos invisíveis que demonstram a processualidade e os múltiplos efeitos dessa ação no espaço geográfico.

2 Os rearranjos espaciais em Corumbáiba (GO) a partir da Italac Alimentos

Os rearranjos espaciais em Corumbáiba (GO) influenciados, dentre outros aspectos, pela territorialização da Italac Alimentos desde 1996, devem ser compreendidos tendo em vista esta totalidade entre os aspectos e da universalidade e das particularidades, conforme evidencia Harvey (2000). E também, considerando o espaço em constante construção, produto das múltiplas relações, conforme enfatiza Massey (2008). Isso porque o contexto atual é marcado pela reestruturação produtiva do capital e por novas formas do conflito capital x trabalho, provocando uma série de mudanças espaciais e uma intensa modificação na classe trabalhadora, que se torna cada vez mais complexa e diversificada.

Numa análise geográfica que busca compreender as transformações espaciais a partir do conflito, torna-se premente considerar as novas formas assumidas por essa relação e os seus efeitos na produção do espaço. Nos últimos anos, Corumbáiba (GO) passou por transformações espaciais. Atribuem-se essas transformações, dentre outros aspectos, à instalação da agroindústria laticinista, principal agente impulsionador dos rearranjos espaciais na cidade, que se estendeu ao campo, por meio das unidades fornecedoras de leite.

Santos; Silveira (2003) afirmam que:

Cada empresa, cada ramo da produção produz, tem paralelamente, uma lógica territorial. [...] visível por meio do que se pode considerar uma topologia, isto é, a distribuição no território dos pontos de interesse ultrapassa o âmbito da própria firma para se projetar sobre as empresas fornecedoras, ou compradoras, ou distribuidoras. Para cada uma delas, o território, do seu interesse imediato é formado pelo conjunto dos pontos essenciais do exercício de sua atividade, nos seus aspectos mais fortes (SANTOS; SILVEIRA, 2003, p.292-293).

Portanto, a vinda da agroindústria laticinista para Corumbáiba (GO) promoveu e promove mudanças espaciais no Município. A indústria promove desenvolvimento econômico e, em parte, social, entretanto, conforme ressalta Gomez (2003) não há desenvolvimento capaz de promover o fim das contradições e da opressão inerente ao capital. O autor afirma que a concepção de que o desenvolvimento supera ou mesmo ameniza os conflitos sociais está relacionada a um construto ideológico. Sobre isso, argumenta que acerca do:

desenvolvimento local, existe toda uma construção ideológica funcional à reprodução do capital. Por um lado, a partir da ideia de desenvolvimento como progresso aceitável universalmente e, por outro lado, a partir do redimensionamento da escala de

implementação as estratégias de reprodução do capital, escolhendo o local na tentativa de superar os empecilhos que entravavam essa reprodução. (GOMEZ, 2003, p. 10).

Nesse aspecto, a territorialização da Italc Alimentos em Corumbáiba promove mudanças no espaço geográfico e constrói novas territorialidades a partir de relações sociais contraditórias e conflituosas, pois ocorrem a partir da relação capital x trabalho, ou seja, também consiste num espaço contraditório (CARLOS, 2008). Tais mudanças podem ser evidenciadas na análise da dinâmica populacional com implicações no comércio e na prestação de serviços, no crescimento da malha urbana e, por conseguinte, no setor imobiliário. Além disso, por meio da relação cidade. Ambos constituem territórios do capital e do trabalho, mediados pela ação do Estado.

2.1 O crescimento populacional

Segundo o Censo Demográfico (2010) realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Corumbáiba (GO) tem uma população total de 8.181 habitantes, sendo: a população urbana de 6.307 habitantes; a população rural de 1.874 habitantes; a população feminina de 3.897 habitantes; e a população masculina de 4.284 habitantes. A população corumbaibense aumentou de 5.525 habitantes em 1991, para 8.181 em 2010. Nesse período, a quantidade de homens passou de 2.887 para 4.420, e a quantidade de mulheres passou de 2.642 para 3.897 também de 1991 para 2010. De acordo com o IBGE (2010) 20% da população corumbaibense é composta por homens com idade entre 15 e 39 anos, enquanto 19,5% das mulheres têm entre 15 e 19 anos, constituindo mão de obra disponível para o mercado de trabalho. Além de constituir força de trabalho disponível, o crescimento populacional constitui um atrativo para a instalação de indústrias, para a dinamização da agropecuária, o comércio e a prestação de serviços, ao mesmo tempo em que estes fatores também constituem um atrativo populacional para a cidade de Corumbáiba (GO). A taxa de crescimento geométrico populacional é de 2,09% e a densidade demográfica, 4,34 hab/km². Vale destacar que esse crescimento tem sido atribuído ao aumento do número de migrantes que chegam, uma vez que o número de nascimentos vem decaindo nos últimos anos¹. Esses migrantes são oriundos do campo, cidades vizinhas e de outras cidades brasileiras, tais como, Recife (PE), Uberlândia (MG) e Itumbiara (GO), conforme evidenciado pelos trabalhadores da Italc Alimentos, na pesquisa de campo. Esses trabalhadores foram atraídos pelas ofertas de emprego na agroindústria laticinista.

O índice de crescimento populacional de Corumbáiba entre 1991 e 2010 é de 32,4%. Essa taxa pode ser atribuída à presença da agroindústria laticinista, que se instalou no Município em 1996. Isso porque de 1980 a 1991 verificou-se um decréscimo da população passando de 5.909 habitantes para 5.529, um decréscimo de 6,44%. A partir de 1991 a taxa de crescimento populacional foi de 1,55%, passando para 2,08% de 1996 até 2000, e de 7,99% deste ano até 2004. Esses dados evidenciam a retomada do crescimento populacional a partir dos anos 1990, período em que a Italc Alimentos chega à Corumbáiba (GO). O crescimento se mantém de 2004 a 2010, pois a população aumentou 11,5% passando de 7.233 em 2004 para 8.181 habitantes em 2010.

Percebe-se ainda, no Município uma elevada taxa de crescimento populacional, se comparada às demais cidades da Microrregião de Catalão. Ademais, a taxa geométrica de crescimento populacional de Corumbáiba, em 2010, foi de 2,9% estando acima da média nacional e da média estadual. Goiás no decênio 2000/2010 foi de 1,84% ao ano, estando acima da média nacional que foi de 1,17%. No decênio 1990/2000 esta taxa em Goiás foi de 2,46% ao ano, contra 1,64% do Brasil (IBGE, 2010). Isso se deve ao desenvolvimento da atividade industrial no estado, sobretudo, a agroindústria e ao aumento da produção agrícola que se tornaram atrativos para os migrantes vindos do Nordeste em busca de melhores condições de vida e/ou da região

¹ O número de nascimentos em Corumbáiba (GO), em 1996, 2002 e 2008 são respectivamente 93, 115 e 95. O que demonstra uma queda de 17,3% no período de 2004 a 2008. Fonte: Situação da base de dados nacional (SINASC) em 14/12/2009. Disponível em: <http://www.conasems.org.br/conasems_dados/municipios_detalhes>. Acesso em: março de 2013.

metropolitana de São Paulo, fugindo dos altos índices de desemprego que atingem o local. Além disso, a posição geográfica do Município, por exemplo, a sua proximidade com Caldas Novas (GO) e Uberlândia (MG).

O crescimento populacional alcançado por Corumbáiba é incentivado pela presença da agroindústria. Tal crescimento promove, dentre outros aspectos, a dinamização do comércio e da prestação de serviços que por sua vez constitui importante fonte de emprego para a população local. Segundo a Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás (SEGPLAN) o número de empregos, ou seja, postos de trabalho ativos em Corumbáiba em 1999 foi de 586, enquanto em 2005 foi de 694,34 e em 2011 foi de 1.129,11, com crescimento de 48% entre 1999 e 2011. Do total de postos de trabalho em 2011, 622 eram diretamente da Italac Alimentos, daí a importância da agroindústria como fonte de trabalho e para os trabalhadores.

No que se refere ao índice de rendimento médio em 1999 a renda média em Corumbáiba era de R\$ 328,20, em 2005 era de R\$ 694,34 e em 2011 foi de R\$ 1.129,11, ou seja, teve um aumento de 48%.² Essa é uma tendência em todas as regiões brasileiras, conforme publicou o IBGE, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) uma vez que o rendimento médio do trabalhador ocupado passou de R\$ 1.242 em 2009 para R\$ 1.345 em 2011, com aumentos registrados em todas as regiões. Esse crescimento na renda dos trabalhadores aumenta o índice de consumo e dinamiza o comércio e a prestação de serviços, demanda maior produção, e assim, promove desenvolvimento econômico, ou melhor, dinamiza a economia local. Ao analisar o índice de renda média é preciso se atentar para o fato de se tratar de uma média entre os maiores rendimentos e os menores, escondendo as desigualdades sociais. Além disso, não considera os inúmeros empregos informais que também são postos de trabalho para muitos de seus habitantes.

A construção civil é uma importante fonte de trabalho em Corumbáiba, mas a Italac Alimentos é a maior empregadora do Município, seguida da Prefeitura de Corumbáiba, do comércio e da prestação de serviços, das demais indústrias instaladas no Município, da Agropecuária e do Estado de Goiás. As atividades comerciais e de prestação de serviços que fazem parte do território da Italac Alimentos em Corumbáiba são os bares, restaurantes, lanchonetes, dormitórios, hotéis, transportadoras e oficinas mecânicas para caminhões que se localizam, sobretudo, nas proximidades da sede da empresa. Nesses locais há presença constante de caminhoneiros aguardando para carga e descarga de produtos, além de serem frequentados pelos trabalhadores durante as trocas de turno. (PESQUISA DE CAMPO, 2013).

Nas ruas próximas ao Laticínio estão também as transportadoras que atuam como terceirizadas da empresa, as oficinas mecânicas e borracharias que prestam assistência aos caminhões e os vendedores ambulantes de lanches e roupas, cujos consumidores são, em sua maioria, os trabalhadores da Italac durante as mudanças de turno e os caminhoneiros.

Outro fator observado em Corumbáiba (GO), desde os anos 1990, foi o crescimento da malha urbana. A cidade é formada atualmente por 12 setores ou bairros com aproximadamente 2.500 lotes. A partir dos anos 1990 houve a expansão da malha urbana, pois até o período, permaneceu por muitos anos a chamada parte antiga da cidade. Nota-se que a maioria dos bairros foi criada a partir dos anos 1994, período de coincide com a territorialização da Italac Alimentos no Município. Esse aumento ocorreu, sobretudo, pela construção e doação de casas populares pelo governo federal, estadual e municipal. Nota-se que dentre os 16 loteamentos que formam a malha urbana de Corumbáiba, 07 são conjuntos habitacionais populares. Os mesmos, ao longo do tempo, vêm sofrendo ampliações, como o Setor Boa Vista e a Vila Manoel Felipe. O Setor Serra da Galga II, iniciado com 22 casas populares, está sendo ampliado com a construção de 72 novas casas. O Setor Industrial foi criado pela Prefeitura Municipal, em 1994, para acolher a indústrias que naquele período se instalavam na cidade, tais como a Ciprovet Nutrição Animal, a Italac Alimentos e a Cerâmica Beija-Flor. Já os loteamentos Simon Bolívar, Simon Bolívar II, Lago Bonito e

² A renda média de um município é calculada a partir do Produto Interno Bruto (PIB) dividido pela população. O resultado é a renda média naquele período. Por se tratar de uma média, o dado é apenas uma referência, pois camufla a acentuada desigualdade social, estrutural na sociedade capitalista.

Flamboyant foram criados pela iniciativa privada. Nota-se em todos os bairros da cidade, a presença ativa da construção civil, financiada, em muitos casos por programas habitacionais do governo, ou mesmo por recursos próprios (PESQUISA DE CAMPO, 2012).

2.2 A relação cidade-campo: novos conteúdos

Para Saquet (2010) existe um processo de expansão do capital no espaço rural brasileiro por meio das agroindústrias. As agroindústrias estão nas cidades e no espaço rural, por meio da integração contratual efetuada, que integra e subordina produtores familiares através do mecanismo de preços diferenciados praticado no mercado. “Há aí, mais um processo de ligação entre o rural e o urbano, inclusive, com agentes sociais de outros países, através da comercialização dos produtos, insumos, [...] prestando assistência técnica; comercializando os produtos [...]” (SAQUET, 2010, p. 174). Isso porque, por meio da agroindústria, ocorre a articulação entre os diferentes agentes sociais, espaços, lugares e territórios que integra e subordina trabalhadores familiares, proprietários e arrendatários. As indústrias, sobretudo, as agroindústrias, promovem a articulação dos produtores agropecuários com os agentes do capital, em nível nacional e internacional, tendo o Estado como mediador desse processo por meio das políticas de crédito agrícola.

A territorialização da agroindústria laticinista, Italac Alimentos, em Corumbaíba (GO), promove mudanças no que se refere à relação cidade-campo no Município. Ao se instalar na cidade a empresa intensifica a dinâmica territorial capitalista, motivada pela lógica da produção e da circulação de mercadorias. No campo, manifesta-se pela modernização da produção leiteira e promove a sujeição da renda da terra nas unidades produtoras/fornecedoras de leite. Nota-se o aumento da participação da atividade industrial na arrecadação municipal, a elevação dos índices de urbanização e a mobilidade do trabalho.

O Imposto Sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) é indicador da relevância da atividade industrial, do comércio e dos serviços para a economia de Corumbaíba (GO). De acordo com a Secretaria de Gestão e Planejamento do Goiás (SEGPLAN), em 2000 o ICMS era de R\$ 4.949 (mil), em 2011 foi de R\$ 21.859 (mil). A participação da atividade industrial foi R\$ 7.642 (mil) ICMS Indústria e a agropecuária de R\$ 4.573 (mil) ICMS Produção Agropecuária. No total, a taxa de ICMS apresentou um crescimento de 77,3%. De 2007 a 2011, o Comércio atacadista e distribuidor apresentou um aumento de 57%, já o Comércio varejista cresceu 69%. A Agropecuária, no mesmo período, cresceu 49%, já a Indústria aumentou 39% entre 2007 e 2010, mas decaiu 6,3% em 2011. A Prestação de serviços apresentou declínio de 71%, passando de R\$ 63 (mil) em 2007 para R\$ 18 (mil) em 2011.

Identifica-se também o aumento da participação do setor industrial na arrecadação de ICMS do Município. Esse crescimento é atribuído ao Laticínio Italac Alimentos, uma vez que a empresa é a maior do setor no Município. Mesmo que o crescimento do ICMS Indústria tenha sido acompanhado pelo crescimento do ICMS Agropecuária, a maior parte na arrecadação do município, em quantidade, é representada pela indústria, mesmo com as oscilações, o que demonstra a importância cada vez maior desta atividade econômica.

Ao analisar a relação cidade-campo em Corumbaíba, entre os anos 1991 e 2010, também é possível observar alterações no que refere à urbanização. Segundo os dados do IBGE, se, por um lado, ocorre crescimento da população urbana em Corumbaíba, por outro lado, ocorre o decréscimo da população rural. Vale destacar que no total de população rural do Município são contabilizadas as populações dos Povoados do Areião e da Ponte Quinca Mariano, com um total aproximado de 159 e 187 habitantes, respectivamente. Isso justifica o índice elevado de habitantes no campo, se comparados à média de Goiás e do Brasil. Segundo o IBGE (2010) a taxa de urbanização em Goiás foi de 90,29 % e a do Brasil foi de 84,4% em 2010.

Em Corumbaíba (GO) a situação não é diferente, da maior parte dos municípios brasileiros, onde cada vez mais as pessoas saem do campo para habitar a cidade e/ou cidades próximas. Assim, o crescimento populacional verificado na cidade de Corumbaíba (GO) não está relacionado ao número de nascimentos, mas ao aumento de migrantes recebidos. O principal

atrativo para essa população é a intensificação da atividade agroindustrial presente no Município, destacando-se o Laticínio Italac Alimentos, que oferece mais de 800 vagas de emprego diretamente, constituindo-se na maior fonte particular de empregos na cidade, conforme já referido anteriormente.

Mesmo diante das limitações dos dados oficiais nota-se em Corumbáiba (GO) a mobilidade de força de trabalho, outra manifestação da inter-relação entre campo e cidade, uma vez que há no Município, moradores oriundos do campo, proprietários rurais ou seus filhos. Isso, para Saquet (2010) contribui para a expansão do sítio urbano, além de reproduzirem na cidade, aspectos da sua vida rural, tais como, hortas, pomares e jardins, hábitos alimentares, dentre outros. Além disso, a mobilidade do trabalho faz com que a renda dos agricultores seja ampliada com os novos empregos na cidade, aumentando o poder de compra das famílias, o que promove maior circulação de mercadorias, entre o campo e a cidade e entre as cidades.

A mobilidade do trabalho está presente em Corumbáiba (GO), principalmente na atividade leiteira que constitui fonte de renda e trabalho para os trabalhadores que vivem na cidade. Esses trabalhadores, em sua maioria, são oriundos do campo e aprenderam, ao longo de suas vidas, a lida das atividades do campo, por isso, têm maior dificuldade em se inserirem no mercado de trabalho da cidade, que tem outras exigências referentes à qualificação.

2.3 O capital agroindustrial lácteo no campo em Corumbáiba (GO)

A dinâmica espacial do campo brasileiro é marcada pelas disputas territoriais entre as diferentes classes sociais e, sobretudo, pelas recentes transformações decorrentes da territorialização do capital nas áreas de Cerrado. Isso ocorre por meio da expansão da agroindústria em que se desenvolvem relações desiguais entre capitalistas e camponeses, entre outros sujeitos que estão envolvidos com o labor na terra. Com isso, o campo brasileiro deve ser analisado territorialmente, identificando-se lugares onde o capital encontra meios para se territorializar e lugares onde não o faz diretamente, e mesmo assim são incorporados ao modo de produção capitalista. Nesse caso, o capitalismo reproduz as relações não capitalistas de produção no seu processo de reprodução. No campo, estão os elementos que se transformam e os que se mantém, ou seja, um cenário de territórios em disputas, com conflitualidades e relações de poder, o que configura a questão agrária atual, marcada por conflitos entre o território do capital e o território do não capital (FERNANDES, 2012). Na realidade, os diferentes territórios encontram-se hibridizados, com distintas relações hegemônicas, construídas a partir da urdidura do capital e do trabalho, o que gera um mosaico de territórios em permanente disputa (MENDONÇA, 2004).

Em Corumbáiba (GO), a territorialização da agroindústria leiteira, Italac Alimentos, ao se instalar, reproduz a lógica territorial do capital agroindustrial. A partir das exigências especialização na atividade por meio da inserção de novas tecnologias. Em algumas propriedades, se territorializa e impõe a lógica capitalista no processo produtivo, em outras, encontra resistência. Para Santos; Silveira (2003) esse mosaico de territórios compõe a nova Geografia do Brasil, formada pela nova tecnosfera, por uma Região Concentrada e por manchas e pontos. Há uma tendência à generalização, caracterizada pelo presente período histórico, em contrapartida existem modos de resistência a essa homogeneização, “[...] fundados em formas regionais de viver e de fazer convivendo com os novos padrões de comportamento e de gosto, típicos da globalização.” (SANTOS; SILVEIRA, 2003, p. 103).

Por um lado, tem-se o território hegemônico pelas relações capitalistas de produção, nas empresas rurais, pois a produção é especializada, voltada para o mercado e com relações de trabalho assalariado. Por outro lado, tem-se o território camponês, cuja produção de leite, mesmo comercializada, não é especializada, pois está associada a outras atividades. Além disso, nestas propriedades predominam as relações de trabalho familiar e não assalariado. Em ambas as propriedades, o capital agroindustrial se reproduz por meio da apropriação da renda da terra.

Nesse sentido, a territorialização da Italac Alimentos no campo em Corumbáiba (GO) ocorre de formas específicas para os pecuaristas tradicionais, nas empresas rurais e nas propriedades camponesas, pois se dá a partir da lógica de reprodução desigual e contraditória do capital.

2.3.1 A apropriação da renda da terra pelo capital agroindustrial

No contexto contraditório de apropriação da renda da terra pelo capital, Oliveira (2010) esclarece que, por um lado, tem-se a unificação do proprietário e do capitalista numa mesma pessoa, por outro lado tem-se a sujeição da renda da terra ao capital que ocorre nos setores de produção não capitalistas, como é o caso das propriedades camponesas. No primeiro caso, Oliveira (1985), explica que:

A renda da terra sob o modo de produção capitalista, é sempre sobra acima do valor das mercadorias, ou seja, lucro extraordinário permanente (acima do lucro médio) que todo capitalista, que explora a terra através de relações de trabalho assalariado, embolsa. [...] A renda capitalista da terra [...] tem sua origem na distribuição da mais-valia, onde a condição de proprietário da terra lhe garante o direito de receber a renda, assim, como o capitalista recebe o lucro médio (OLIVEIRA, 1985, p. 77).

Nessa perspectiva, as ações do capital comercial e do Estado contribuem para a sujeição da renda da terra pelo capital, pois “[...] o Estado se incumbe de mediar esse processo e acelerá-lo. Agindo, pois através do crédito bancário (oficial), cria os liames da dependência do produtor (do pequeno, principalmente), mantendo-o permanentemente endividado” (OLIVEIRA, 2010, p. 10).

A renda da terra é um dos elementos que explicam o sentido da recriação do campesinato no capitalismo, pois, existem diversas formas encontradas pelos capitalistas, para subtraírem-na dos camponeses, inclusive pelos interstícios da sujeição da renda camponesa ao capital na esfera do consumo produtivo, ou seja, no tributo pago por essa classe especificamente para produzir. A sujeição da renda da terra pelas indústrias acontece no plano da produção – pois as cadeias industriais se sustentam por meio da matéria-prima fornecida por esta classe –, e também pela ação do capital comercial (PAULINO, 2012).

Especificamente sobre a pecuária do leite, Oliveira (2010) afirma que está quase totalmente monopolizada pelo capital agroindustrial, já que o setor encontra-se subordinado às transnacionais que atuam direta e indiretamente, tais como, as indústrias de ração, instrumentos e demais insumos agropecuários. Além disso, tem-se a presença do Estado, que atua como mediador do capital industrial. A mediação ocorre pelas seguintes formas: implementação de programas de fomento e financiamentos nos bancos estatais – o que viabiliza a territorialização o capital financeiro no campo –; pela difusão ideológica da necessidade de modernização, como imprescindível ao desenvolvimento local e regional; pela regulamentação da produção e da comercialização do produto, por meio das normativas, como a IN 51 e a IN 62, cujos critérios estão intimamente vinculados à utilização de inovações tecnológicas, que exigem investimento de capital.

Em Corumbáiba (GO), a apropriação e sujeição da renda da terra ao capital, nas empresas rurais e nas unidades camponesas, ocorrem por meio da venda do leite à agroindústria laticinista. Nesse caso, as exigências do mercado, representadas pela agroindústria laticinista, estimulam a especialização na atividade por meio da política de diferenciação de preços equivalente à quantidade e à qualidade do leite. Ao pagar mais pelo leite produzido em maior quantidade e de melhor qualidade, a empresa impõe a lógica capitalista e reforça, para o produtor, a necessidade de produzir mais e melhor, caso deseje aumentar a sua renda. Os produtores que decidem se especializar na produção buscam a melhoria constante da produção, investindo cada vez mais capital no processo produtivo, para atender as exigências do mercado. Já os pequenos produtores – em sua maioria, destituídos de capital – veem-se a margem do setor, pois são penalizados por não atingirem os níveis de qualidade e de qualidade estabelecidos.

Nas empresas rurais, para aumentar a produção e a produtividade os produtores devem comprar gado especializado, meios de produção (tratores, ordenhas e tanque de resfriamento), insumos (rações, sementes, adubos e medicamentos), além de assistência técnica especializada.

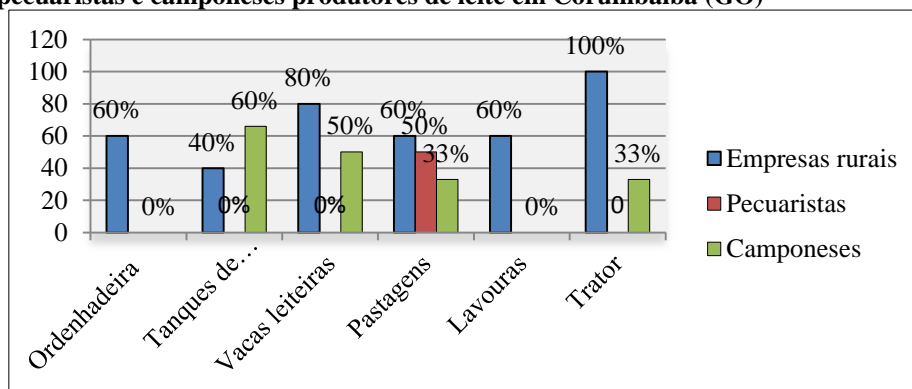
Uma vez aumentada a produção, utilizam o trabalho assalariado nas diferentes etapas da produção leiteira, ou seja, desde a ordenha e manejo do gado até a realização de atividades de manutenção dos pastos e cercas, além do plantio das lavouras e das produções de silagens e rações para o gado.

Nas propriedades camponesas o leite é visto como uma fonte de renda que garante a reprodução da família e a sua permanência na terra. Com efeito, mesmo diante do baixo preço pago pelo produto, os camponeses que permanecem na atividade também adquirem no mercado os insumos necessários para atender as exigências do setor. No entanto, faz isso apenas quando considera imprescindível para assegurar a pequena produção e se manter no mercado formal, o que difere da lógica propriamente capitalista. Esse processo é estimulado pelo capital produtivo, pelo capital comercial e pelo Estado, conforme evidencia Oliveira (2010) e Paulino (2012).

O Estado atua no setor como agente normatizador, por meio das instruções normativas – tais como, a Instrução Normativa (IN 51) e a Instrução Normativa (IN 62) – estabelecendo critérios para a produção, vinculados à utilização e técnicas e instrumentos modernos nas propriedades. As normas sanitárias estabelecidas para o setor são parâmetros para a diferenciação de preços por qualidade pagos aos produtores tanto para os produtores especializados quanto para os produtores camponeses. Os programas de financiamento estão disponíveis, sobretudo, para os grandes proprietários, mas são utilizados também para os pequenos na aquisição, principalmente, do tanque de resfriamento.

Em Corumbáiba (GO), observa-se que, todos os seguimentos de produtores – empresários, pecuaristas e camponeses – já fizeram financiamentos para investir na atividade leiteira, ora para a compra de ordenhadeiras, tanques, silagem, tratores e vacas leiteiras, ora para plantio de lavouras e reforma de pastagens. O Gráfico 1 apresenta os principais investimentos do capital financeiro na atividade leiteira, nas propriedades.

Gráfico 1 – Finalidade dos financiamentos realizados pelos empresários, pecuaristas e camponeses produtores de leite em Corumbáiba (GO)



Organização – CARNEIRO, Janáine D. P. L.

Fonte – Pesquisa de campo, novembro de 2012.

No Gráfico 1 observa-se que todos os proprietários já recorreram a financiamentos para investirem na produção de leite. No que se refere às empresas rurais nota-se que: 60% financiaram a ordenhadeira mecânica; 40% o tanque de expansão; 80% as vacas leiteiras; 60% as pastagens; 60% as lavouras destinadas à fabricação de rações; e 100% os tratores e maquinários. Os pecuaristas – 50% – financiaram apenas a reforma das pastagens. Nas propriedades camponesas identifica-se que: 66% financiaram o tanque de expansão; 50% as vacas leiteiras; 33% a reforma de pastagens, sobretudo a aplicação de calcário no solo; e 33% os tratores.

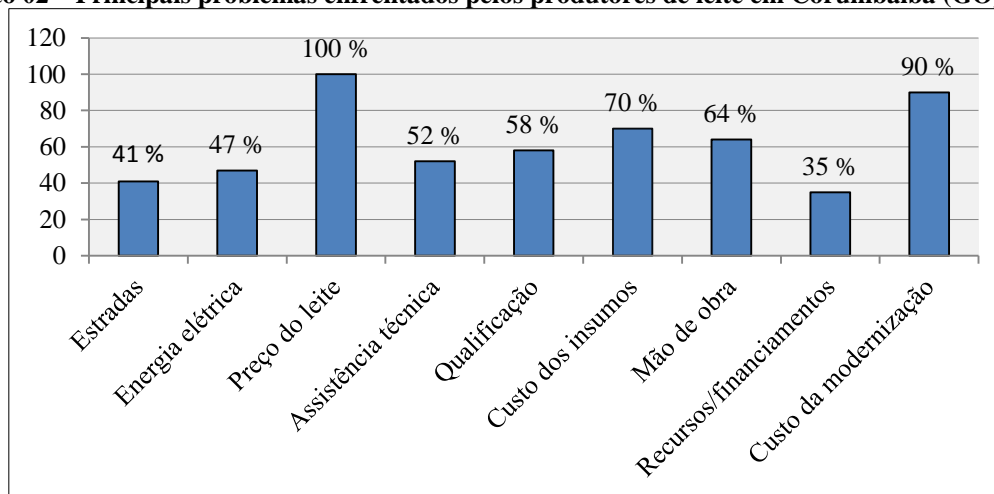
Dessa forma, notam-se diferentes estratégias desempenhadas pelo capital agroindustrial em Corumbáiba (GO) para apropriação e sujeição da renda da terra. Estas estratégias são diferentes para os diferentes produtores – empresas rurais, pecuaristas tradicionais e propriedades camponesas –, conforme evidenciam as suas dinâmicas territoriais. Com isso, os efeitos para estas propriedades também são distintos, com diferentes níveis de subordinação, embora coesionados pela lógica da reprodução do capital agroindustrial e financeiro.

2.3.2 O capital agroindustrial lácteo em Corumbaíba (GO): os desafios para os produtores

A territorialização do capital agroindustrial lácteo em Corumbaíba (GO) trouxe novos desafios para os produtores/fornecedores de leite do Município. Houve a acentuação de problemas já enfrentados por eles – como o baixo preço pago pelo produto – e surgimento de novos desafios – como a diferenciação de preços por quantidade e qualidade.

Os problemas enfrentados pelos produtores têm características e intensidades específicas para cada categoria de produtores. Nas entrevistas, os problemas evidenciados foram: falta de infraestrutura (estradas e energia elétrica); falta de incentivos por parte dos laticínios (baixo preço pago leite); falta de programas de assistência técnica; falta de programas de qualificação; alto custo dos insumos; falta de mão de obra no campo; falta de recursos para os pequenos produtores; alto investimento para mecanização da produção. No Gráfico 02 estão os aspectos salientados pelos produtores entrevistados.

Gráfico 02 – Principais problemas enfrentados pelos produtores de leite em Corumbaíba (GO)



Organização – CARNEIRO, Janáine D. P. L.

Fonte – Pesquisa de campo, 2012.

A má qualidade das estradas foi evidenciada por 41% dos entrevistados (sendo 20% dos camponeses e 21% dos empresários rurais) como um dos problemas enfrentados, já que a coleta do leite nas propriedades é realizada por caminhões tanques. Entende-se que os camponeses são os mais prejudicados nesse caso, já que a maior parte deles, sem trator, não tem como consertar as estradas.

De acordo com os produtores, ocorrem quedas constantes do fornecimento de energia elétrica na região, que se estendem, em muitos casos, por vários dias consecutivos, ocasionando a perda do leite armazenado no tanque de resfriamento, além de impossibilitar a ordenha e moagem da ração. O gerador de energia está presente em todas as empresas rurais, já nas propriedades camponesas e nas dos pecuaristas, não.

Segundo os produtores de leite em Corumbaíba (GO) o maior problema enfrentado por eles na produção de leite é o baixo preço pago pelo produto. Este é um problema enfrentado por 100% dos entrevistados, todavia com particularidades, já que os empresários rurais alegam não ter retorno imediato do capital investido na mecanização e nas inovações tecnológicas, mesmo que acreditem que esse investimento seja fundamental para se manterem no setor com margem de lucro significativas. Os pecuaristas dizem não se sentirem incentivados a investir na atividade por não visualizarem possibilidade de lucro a partir do capital investido. Já os camponeses reconhecem a

penalização a que são submetidos – por não modernizarem a produção – ao receberem os menores preços do mercado.

A atual política de preços aplicada pelos laticínios estabelece o preço pago aos produtores/fornecedores de acordo com a quantidade (quanto mais leite, maior é preço pago), a qualidade (com referência nas taxas de CBT, CCS, gordura e proteína), distância da propriedade (quanto mais próxima do Laticínio, maior o preço pago) e a fidelidade do fornecedor (quanto mais tempo de fornecimento para o mesmo Laticínio maior o preço).

Com essa prática, os laticínios impõem aos produtores/fornecedores, a necessidade de ampliar a quantidade e melhorar a qualidade do leite, ao mesmo tempo se apropria da renda diferencial da terra e *cativa* os fornecedores, pois o quesito fidelidade minimiza o seu poder de negociação na busca por melhores preços pagos por outros laticínios. Dessa forma, garantem a matéria prima, com baixos custos, para atender as demandas do mercado e garantir o lucro. Tais ações também reforçam o que 30% do total de entrevistados salientaram como a “falta de incentivos por parte dos laticínios”.

Nota-se que as estratégias implantadas pela agroindústria laticinista, Italc Alimentos, em Corumbá (GO) pressionam os pequenos produtores para ampliar a quantidade e a melhorar a qualidade da produção leiteira para o mercado, apenas no sentido de penalizar os pequenos produtores pela baixa qualidade e produção.

Com a política de diferenciação de preços o ônus da qualidade do leite é transferido aos produtores. Para permanecerem na atividade necessitam encontrar alternativas que os mantenham no mercado, seja por meio da modernização da produção, ou melhor, a especialização na atividade, seja a permanência no mercado formal mesmo sem a modernização, ou mesmo, a atuação no mercado informal.

Dentre os entrevistados, 52% destacaram a ausência de programas estatais de apoio e assistência técnica, como um problema para os produtores. Do total, 50% são empresários rurais, 30% pecuaristas e 20% camponeses. A assistência técnica constante está presente apenas nas empresas rurais, enquanto entre os pecuaristas e camponeses, a presença de um técnico ou especialista ocorre apenas para a vacinação do gado.

Em Corumbá (GO), os produtores – empresários rurais, pecuaristas e camponeses - se veem abandonados sem qualquer assistência técnica, pois a EMBRAPA e a EMATER não atuam na região, assim como, a Italc Alimentos e a COOPAC também não lhes oferecem assistência técnica.

Do total de entrevistados 58% mencionaram a falta de qualificação como prejudicial à produção leiteira, sendo: 45% empresários rurais, 40% camponeses e 15% pecuaristas. Do total de empresários rurais apenas 45% disseram ter participado de um curso ofertado pelo SENAR Goiás, enquanto 20% dos camponeses e somente 10% dos pecuaristas.

O alto custo dos insumos foi citado por 70% dos produtores entrevistados - ou seja, 30% camponeses, 25% empresários rurais e 15% pecuaristas - como um fator de dificulta a produção leiteira em Corumbá (GO). Além das rações, os medicamentos e vacinas também seguem a mesma lógica. Contudo, o preço do leite é calculado como matéria-prima e produto da cesta básica no Brasil.

A falta de linhas de crédito e financiamento para os produtores também foi destacada por 35% dos produtores, sendo 25% camponeses e 10% empresários rurais, como uma dificuldade encontrada pelos produtores de leite. Isso porque, para alcançar a quantidade e a qualidade do produto, valorizados pelo mercado é necessário o investimento de capital para as inovações técnicas e tecnológicas.

A assistência técnica, a qualificação e o preço dos insumos contribuem para que o custo da modernização da produção leiteira seja alto. Esse fator foi elencado por 70% dos entrevistados. Dentre eles, 45% camponeses, 15% pecuaristas e 10% empresários rurais. Nesse caso, a falta de linhas de crédito intensifica o problema, já que a demanda por capital existe, mas os produtores, descapitalizados, não têm acesso ao crédito.

Somado a tudo isso, o baixo preço do leite, surge como um dos principais problemas, uma vez que torna os investimentos na atividade inviáveis para os produtores. Todavia, esse é um

processo contraditório, pois a modernização em si, não elimina os problemas enfrentados por eles, não se constitui como a única saída e nem pode ser considerada desnecessária ou mesmo, ruim para os produtores.

Considerações

O capital agroindustrial lácteo se territorializa em Corumbáiba (GO) no final dos anos 1990, com a chegada do laticínio Italc Alimentos. Desde então, a sua lógica contraditória e excludente se territorializa no Município, promovendo mudanças espaciais e na relação cidade-campo. Um olhar mais atento identifica, na realidade, contradições nesse processo, que merecem ser analisadas, além das aparências e primeiras impressões. A dinâmica socioespacial de Corumbáiba (GO) - o lugar da pesquisa – foi compreendida a partir dos elementos de ordem material e imaterial, que se hibridizam e constituem o espaço geográfico, inseridos na relação entre o local e o global. Nesse sentido, a territorialização da agroindústria laticinista promoveu rearranjos espaciais, evidenciados no crescimento populacional, na dinamização da economia, no crescimento da malha urbana e ainda, na relação campo-cidade, constituindo territórios do capital e do trabalho, mediados pela ação do Estado.

A partir de um olhar geográfico, entende-se que a dinâmica socioespacial de Corumbáiba (GO) possui elementos que são próprios do local, no entanto, existem os elementos vinculados à dinâmica global, que se territorializam no lugar. Dessa forma, a sua dinâmica socioespacial, influenciou, ao passo que sofreu influências do capital agroindustrial lácteo. A população cresceu, constituindo-se força de trabalho para a fábrica e mercado consumidor para os produtos, com isso, a economia foi dinamizada, cresceram e diversificaram o mercado imobiliário, o comércio, a indústria e a prestação de serviços. A produção agropecuária foi ampliada. O urbano reconfigurado, pois a malha urbana foi aumentada, os bairros apresentaram características diferenciadas. O campo e cidade, embora constituam espaços distintos, foram coesionados pela lógica da reprodução capitalista, por meio do capital agroindustrial. Esse processo é desigual e contraditório, pois não eliminou a pobreza e a desigualdade social, inerentes ao conflito capital/trabalho, ou seja, à sociedade estruturada na luta de classes. Assim, a territorialização da Italc Alimentos em Corumbáiba (GO) contribuiu para o aumento da renda dos trabalhadores e do Estado, e para a dinamização da economia, mas, é contraditória e não eliminou os problemas sociais, gerando, a exploração do trabalhador na fábrica - na cidade - a sujeição da renda da terra e, a subordinação real e formal do trabalho, no campo. Além disso, não eliminou o trabalho informal, o desemprego e o déficit por moradia.

A territorialização da Italc Alimentos em Corumbáiba (GO) está vinculada ao processo mais amplo de expansão do capital. De um modo geral, faz parte da reestruturação do setor agroindustrial lácteo nos anos 1990 – influenciado pela reestruturação produtiva do capital, pelas políticas do Estado e pela modernização da agricultura. Nesse período, o Estado assumiu postura diferenciada em relação ao setor, deixando, por exemplo, a função de regulador, para se tornar normatizador da produção leiteira. Com efeito, o capital agroindustrial e financeiro passou a reger o setor, por meio da modernização, ou seja, pela inserção de inovações tecnológicas na produção. Como exemplo, pode-se citar a granelização e a produção do leite longa vida. Nesse contexto, ocorre a expansão geográfica da produção leiteira, sobretudo para as áreas de Cerrado, como o Município de Corumbáiba (GO), promovendo mudanças na pecuária leiteira em Goiás, na dinâmica territorial das propriedades rurais e, sobretudo, para os produtores.

Em suma, o capital agroindustrial e financeiro alcançou em Corumbáiba (GO), as condições necessárias à produção do lucro e à sua reprodução. A empresa contou com o apoio das políticas estatais de desenvolvimento local com a oferta de infraestrutura, além mão de obra e matéria prima disponíveis, e se beneficiar da posição geográfica que favorece a logística da produção e circulação das mercadorias.

Em Corumbáiba (GO), a produção de leite constituiu um dos aspectos que atraíram o capital agroindustrial lácteo. Em contrapartida, também foi reordenada, incorporando a lógica capitalista de produção, em diferentes níveis, pelas distintas categorias de produtores. Além disso,

demonstra que a territorialização da empresa não se limitou à cidade, mas se estendeu ao campo, promovendo mudanças espaciais e alterações nas relações de trabalho, ou melhor, surgiram *novos sujeitos* da relação capital/trabalho, tanto nas empresas rurais quanto nas unidades camponesas, seja pela modernização da produção, seja pela sujeição da renda da terra.

Dessa forma, o campo em Corumbáiba (GO) apresenta diferentes categorias de produtores de leite – empresas rurais, pecuária tradicional e unidades de produção camponesas – que se dedicam à pecuária leiteira. A dinâmica territorial dessas propriedades, e os sujeitos que nelas atuam - os produtores e os trabalhadores rurais - foram coesionados pela lógica do capital agroindustrial, representado pela Italc Alimentos, por meio de diferentes níveis de subordinação e enfrentando diversos problemas, intensificados pela organização do sistema que coloca sobre os produtores a responsabilidade pela qualidade e quantidade de leite para o mercado.

Com a territorialização do capital agroindustrial lácteo foi latente a imposição da modernização da produção, portanto, aumentou a demanda por capitais para investir na produção leiteira, como o intuito de atender as exigências do mercado. Contudo, os produtores descapitalizados, sobretudo, os camponeses, encontram-se abandonados pelo Estado, no que se refere à assistência técnica e políticas financiamentos. Dentre os problemas evidenciados pelos produtores estão: o desestímulo diante da atividade leiteira; o alto investimento necessário para a modernização do setor; o baixo preço do produto pago pelos laticínios; a falta de assistência técnica; falta de capacitação; falta de informações referentes às inovações técnicas e ao mercado; e falta de linhas de crédito, especificamente, para os produtores camponeses.

Em suma, buscou-se estabelecer uma análise do processo de territorialização do capital agroindustrial lácteo em Corumbáiba (GO) e seus efeitos espaciais, a partir de um olhar geográfico, fundado na compreensão da relação capital/trabalho. Reconhece-se que os elementos evidenciados na pesquisa não esgotam a temática, mas contribuem para o entendimento da realidade, complexa e contraditória, desvelando, em partes, as tramas, teias e redes que compõem as diferentes territorialidades. As reflexões apresentadas contribuem para a formulação de novos questionamentos e para pesquisas futuras.

Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

CHAVEIRO, Eguimar; CALAÇA, Manoel. A abordagem territorial do Cerrado: pontos para uma discussão. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21., 2012, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Sobre a tipologia dos territórios**. 2009. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/nera/publicacoes.php>> Acesso em: 18 de jul. de 2011.

_____. Mesa Redonda: **O campo no Brasil: Movimentos Sociais, Conflitos e Reforma Agrária**. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2012. Uberlândia (MG): UFU, 2012.

GOIÁS. Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação. Secretaria de Gestão e Planejamento. **Perfil dos municípios goianos**. Disponível em: <<http://www.sefaz.go.gov.br/sepim>>. Acesso em: 15 de jun. de 2012.

GOMÉZ, Jorge Montenegro. **Crítica ao conceito de desenvolvimento**. 2002. Disponível em: <[GOhttp://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADA31/jorgev3n1out2002.pdf](http://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADA31/jorgev3n1out2002.pdf)>. Acesso em: 21 de abr. de 2013.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **Espaços da esperança**. São Paulo: Loyola, 2000.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>>. Acesso em: 10 de jun. de 2012.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do Sudeste Goiano**, 2004. 459 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de São Paulo, Presidente Prudente.

_____. Complexidade do espaço agrário brasileiro: o agrohidronegócio e as (Re)Existências dos Povos Cerradeiros. **Terra Livre**: crises, práxis e autonomia, espaços de resistências e esperança. São Paulo: AGB. Semestral. v.1, n. 34, p. 189-202. Jan/junh/2010.

MÉSZÁROS, Istvan. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução de P. C. Castanha; S. Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. O que é? **Revista Orientação do Instituto de Geografia**, São Paulo, n. 6, p. 79-102, nov. 1985.

_____. Agricultura e indústria no Brasil. **Campo-território**: revista de geografia agrária, v. 5, n. 10, p. 5-64, ago. 2010

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Sujeição da renda camponesa da terra no contexto da monopolização do território pelo capital**. Disponível em: < http://www.cptl.ufms.br/revista-geo/artig_prof_eliane.pdf >. Acesso em: 21 de abr. de 2013.

_____. **Por uma geografia dos camponeses**. 2.ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

PELÁ, Márcia; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. Cerrado Goiano: encruzilhada de tempos e territórios em disputas. In: PELÁ, M.; CASTILHO, D. (Orgs). **Cerrado**: perspectivas e olhares. Goiânia: Vieira, 2010. p. 51-69.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.